

Da 'volta à natureza' pelo 'milagre das Olimpíadas': narrativas de salvação do Rio de Janeiro no documentário para televisão Naturopolis

'Back to nature' through 'the miracle of Olympics': narratives on the salvation of Rio de Janeiro in the television documentary Naturopolis

'Volver a la naturaleza' a través del 'milagro de los Juegos Olímpicos': narraciones de salvación de Río de Janeiro en el documental para televisión Naturopolis

Ana Teresa Gotardo^{1,2,a}

aninhate@gmail.com | <https://orcid.org/0000-0001-7713-6780>

¹ Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Faculdade de Comunicação Social. Rio de Janeiro, RJ, Brasil.

² Universidade Federal Fluminense, Superintendência de Comunicação Social. Niterói, RJ, Brasil.

^a Doutorado em Comunicação pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro.

Resumo

Este artigo busca compreender a produção de significados sobre sustentabilidade no contexto de produção da cidade olímpica. Para tanto, promove uma análise crítica do documentário Naturopolis, relacionando-o com alguns dos documentos oficiais disponibilizados tanto pelo Comitê Olímpico Internacional quanto pelo Comitê Organizador dos Jogos Olímpicos. Busca-se uma leitura polivalente, não dominante, considerando o contexto mais amplo de produção da cidade-mercadoria pela cidade-empresa, por meio de técnicas de city branding. O artigo se concentra na linha narrativa da salvação da cidade em relação à sustentabilidade, por meio dos megaeventos ou, nos termos do documentário, de uma volta à natureza, evocando mudanças necessárias para a construção de um novo país, a partir de uma transformação que pode ser trazida por políticos, pelo milagre das Olimpíadas e pela população em geral.

Palavras-chave: Cidade olímpica; Produção de significados; Sustentabilidade; *City branding*; Documentário para televisão; Comitê Olímpico Internacional; Modificações urbanas.

Abstract

This article aims to understand the production of meanings about sustainability in the context of the production of the Olympic city. Using as method a critical analysis of the documentary Naturopolis, relating it to some of the official documents made available by both the International Olympic Committee and the Organizing Committee of the Olympic Games. The author seeks a multipurpose, non-dominant reading, considering the broader context of production of the commodity-city by the entrepreneurial city, through city branding techniques. The article focuses on the narrative line that consider mega-events as a catalyst to a possible salvation of the city in relation to sustainability, or, in the terms of the documentary, of a back to nature, evoking necessary changes for the construction of a new country, starting from a transformation that can be brought about by politicians, the miracle of the Olympics and the general population.

Keywords: Olympic city; Production of meanings; Sustainability; City branding; Television documentary; International Olympic Committee; Urban modifications.

Resumen

Este artículo busca comprender la producción de significados sobre sostenibilidad en el contexto de producción de la ciudad olímpica por medio de un análisis crítico del documental Naturopolis, relacionando la película con algunos de los documentos oficiales puestos a disposición tanto por el Comité Olímpico Internacional como por el Comité Organizador de los Juegos Olímpicos. Se busca una lectura polivalente, no dominante, considerando el contexto más amplio de producción de la ciudad-mercancía por la ciudad-empresa, a través de técnicas de *city branding*. El artículo fija la atención en la línea narrativa de la salvación de la ciudad en relación con la sostenibilidad a través de megaeventos o, en los términos del documental, de un retorno a la naturaleza, evocando los cambios necesarios para la construcción de un nuevo país, a partir de una transformación que puede ser provocada por los políticos, por el milagro de los Juegos Olímpicos y por la población en general.

Palabras clave: Ciudad olímpica; Producción de significados; Sostenibilidad; *City branding*; Documental para televisión; Comité Olímpico Internacional; Modificaciones urbanas.

INFORMAÇÕES DO ARTIGO

Este artigo pertence ao dossiê Comunicação e Meio Ambiente.

Contribuição dos autores: a autora é responsável por todo o texto.

Declaração de conflito de interesses: não há.

Fontes de financiamento: o presente trabalho foi realizado com o apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (Capes) – Código de Financiamento 001.

Considerações éticas: não há.

Agradecimentos/Contribuições adicionais: não há.

Histórico do artigo: submetido: 22 mar. 2020 | aceito: 06 abr. 2020 | publicado: 30 jun. 2020.

Apresentação anterior: parte deste trabalho foi extraída da tese de doutorado intitulada Rio de Janeiro, cidade-mercadoria: (Des) construções de sentidos sobre a cidade e sua marca em documentários internacionais de televisão em tempos de megaeventos, defendida no Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (PPGCOM/Uerj) em 13 de fevereiro de 2020.

Licença CC BY-NC atribuição não comercial. Com essa licença é permitido acessar, baixar (*download*), copiar, imprimir, compartilhar, reutilizar e distribuir os artigos, desde que para uso não comercial e com a citação da fonte, conferindo os devidos créditos de autoria e menção à Reciis. Nesses casos, nenhuma permissão é necessária por parte dos autores ou dos editores.

Introdução

A sustentabilidade é tema central na estratégia de legado do Comitê Olímpico Internacional, presente tanto no *site* da instituição quanto em seus documentos oficiais, sendo inclusive uma das missões do Comitê Olímpico Internacional (COI) identificada no *Olympic Charter*¹ (item 14) e contando com relatórios específicos de atuação do Comitê na área; trata-se também de uma aproximação com a agenda da ONU para desenvolvimento sustentável, parte dos compromissos do COI em sua missão pela construção de um mundo melhor através do esporte. Trata-se de uma das linhas narrativas que compõem a ideia de ‘salvação’ da cidade por meio dos megaeventos, amplamente defendida pelo Comitê Olímpico Internacional. Os principais argumentos trazidos nos documentos da instituição são de que os megaeventos representam uma espécie de salvação para a cidade, pois são catalisadores das mudanças desejadas e têm visibilidade mundial; são ‘salvadores’ das cidades, colocando-as no mapa das cidades globais, o que representaria uma mudança importante para a economia de algumas cidades, especialmente as do sul global, estimulando novas formas de crescimento econômico para além dos megaeventos; e que os megaeventos podem também ser catalisadores da reconstrução da cidade utópica, do paraíso, pela ‘volta à natureza’ a partir do foco em sustentabilidade. É interessante observar como essas estratégias narrativas se completam para produzir um desejo sobre qual seria a cidade que todos, governantes e populações, devem almejar.

Este artigo se concentra na linha narrativa presente na ideia de ‘salvação’ da cidade por meio dos megaeventos no que diz respeito ao potencial de mudança em relação à sustentabilidade a partir da análise do documentário internacional de televisão Naturopolis². Trata-se, nos termos do documentário, de uma “volta à natureza”, evocando as mudanças necessárias para a construção de um novo país (sendo o Rio de Janeiro a cidade responsável por essa emergência ‘com toda a energia, os sonhos e a consciência social de um novo país’), a partir de uma transformação que pode ser trazida por políticos, pelo ‘milagre das Olimpíadas’ e pela população em geral, trazendo, inclusive, a necessidade de mudança da imagem da cidade (característica essencial para a implantação da estratégia de megaeventos, segundo Burbank, Andranovich e Heying³): de uma que buscava/importava o lixo dos Estados Unidos e da Europa para outra que demonstre preocupação ambiental. Nesse sentido, há uma relação com a ideia da cidade utópica.

Naturopolis é um documentário seriado composto por quatro episódios que retratam quatro cidades distintas: Nova Iorque, Paris, Rio de Janeiro e Tóquio – observa-se aí a inclusão do Rio entre cidades ‘globais’, sendo também a única cidade do Sul Global a ser retratada pela série. Segundo a sinopse⁴, trata-se de uma nova era, a *Planet City*, predominantemente urbana, na qual “toda metrópole moderna deve responder a uma pergunta fundamental: como a natureza pode desempenhar um papel central em seu desenvolvimento, que é ecológico e sustentável, e que permite que os seres humanos vivam em harmonia, como em um ecossistema?”⁴. O Rio de Janeiro, junto às demais cidades representadas, é considerada uma cidade pioneira no desenvolvimento e experimentação da ecologia urbana.

Produzido em 2014 pela Docsid, produtora independente voltada especialmente para os campos da ciência, história, meio ambiente e pesquisa⁵, possui versões em francês, inglês e alemão e foi exibido

pelos canais Arteⁱ, Blue Ant Mediaⁱⁱ, Servus TVⁱⁱⁱ, TV5 Quebec Canada^{iv}, RSI^v, Canal + Cyfrowy^{vi} e TG4^{vii}. O episódio Rio, from chaos to a sustainable city (no filme, vê-se o título Rio, from chaos to sustainability), recebeu, em 2014, o prêmio Pariscience - Festival International du Films Cientifique - Paris (France) - Prix des lycéens. A sinopse do filme ressalta que “o Rio de Janeiro é uma das cidades mais belas do mundo, uma cidade natural com sua baía, suas praias míticas, suas montanhas, suas grandes florestas urbanas[...] Mas se formos além do cartão postal, o Rio sofre: poluição, deslizamentos de terra, falta de saneamento, construções anárquicas, lagoas de lixo[...]. O Rio sacrificou seu meio ambiente à sua política de industrialização e está ciente disso hoje. A progressiva abertura das favelas, o despertar da população civil, o movimento social nascido dos fracassos das cúpulas da Terra para o meio ambiente são tantas forças para iniciar a mudança. Pequenas e grandes iniciativas estão se multiplicando, o processo está em movimento. Serão os políticos capazes de tirar o máximo proveito desta profusão de energia? A Copa do Mundo de 2014 e os Jogos Olímpicos de 2016 estão colocando a cidade no centro das atenções. Será que estes dois eventos irão proporcionar o impulso extra que lhe tem faltado?”⁶

Como já mencionado, o trabalho em que se baseia este artigo busca, por meio de uma construção metodológica, compreender a produção de significados sobre sustentabilidade no contexto de produção da ‘cidade olímpica’. Para tanto, foi realizada uma análise crítica do documentário televisivo Naturopolis, relacionando-o com alguns dos documentos oficiais disponibilizados tanto pelo Comitê Olímpico Internacional (COI) quanto pelo Comitê Organizador dos Jogos Olímpicos. Busca-se uma leitura polivalente, não dominante, considerando o contexto mais amplo de produção da cidade-mercadoria por uma cidade-empresa, por meio do uso de técnicas mercadológicas como a do *city branding*. Considero, tal como Rose⁷, que “os meios audiovisuais são um amálgama complexo de sentidos, imagens, técnicas, composição de cenas, sequência de cenas e muito mais”; e, tal como Aumont e Marie⁸, que “não existe um método universal para analisar filmes” e que “a análise de um filme é interminável”. Desta forma, ainda de acordo com Aumont e Marie⁸, procuro realizar a análise do filme como uma maneira de explicar de forma racionalizada os fenômenos observados nos filmes, com vistas à produção do conhecimento e à interpretação.

Megaeventos como catalisadores da sustentabilidade

No primeiro volume do Dossiê de Candidatura do Rio para as Olimpíadas de 2016⁹, há todo um capítulo/tema dedicado ao meio ambiente e à meteorologia, o qual destaca desde as belezas naturais da cidade, passando pelas áreas de preservação ambiental e abastecimento de água até as condições climáticas esperadas à época de realização dos jogos, além de outros aspectos relacionados à sustentabilidade ao longo dos demais capítulos/temas e volumes. Segundo o Plano de Gestão da Sustentabilidade dos Jogos Rio 2016¹⁰, “em 2008, uma Comissão Especial de Meio Ambiente para os Jogos foi formada com representantes dos

i Canal franco-alemão, criado em 1992, cuja missão é a integração europeia. Disponível em: <https://www.arte.tv/sites/corporate/qui-sommes-nous/>. Acesso em: 2019 dez. 27.

ii Empresa internacional de produtores, distribuidores, operadores de canais e de conteúdo para jogos, com sede em Toronto e operações em Los Angeles, Cingapura, Auckland, Dunedin, Londres, Washington DC, Sydney, Pequim e Taipei. Disponível em: <https://blueantmedia.com/>. Acesso em: 2019 dez. 2019.

iii Operadora de TV que atua na Áustria, Alemanha e Suíça. Fonte: <https://www.servustv.com/>. Acesso em: 2019 dez. 27.

iv Organização sem fins lucrativos presente em todo o Canadá. Opera como um grupo de mídia em língua francesa para promover e divulgar a diversidade cultural, social e linguística do Québec e da francofonia canadense e internacional. Disponível em: <https://tv5quebeccanada.ca/notre-entreprise/>. Acesso em: 2019 dez. 27.

v Emissora de rádio e televisão suíça, de serviço público, em língua italiana, que faz parte da SRG SSR, Empresa Suíça de Rádio e Televisão. Disponível em: <https://www.rsi.ch/chi-siamo/la-rsi/La-RSI-in-breve-7261436.html>. Acesso em: 2019 dez. 27.

vi Empresa polonesa de TV a cabo. Em 3 de setembro de 2019, mudou seu nome para Plataforma CANAL + Disponível em: <https://pl.canalplus.com/o-firmie>. Acesso em: 2019 dez. 27.

vii Oitavo canal de televisão mais popular da República da Irlanda e Irlanda do Norte, público e gratuito, em língua irlandesa (gaélico). Disponível em: <https://www.tg4.ie/en/corporate/background/> em: 2019 dez. 27.

governos federal, estadual e municipal, do Comitê Olímpico Brasileiro e com integrantes da sociedade civil^{viii}. A partir do trabalho desta comissão, foi possível obter uma agenda estruturada em nove temas que foi incorporada ao Dossiê de Candidatura em capítulo específico sobre meio ambiente: 1) Tratamento e conservação da água; 2) Consciência ambiental; 3) Uso e gerenciamento de energia renovável; 4) Jogos neutros em carbono, qualidade do ar e transporte; 5) Proteção dos solos e ecossistemas; 6) Construção e design sustentáveis; 7) Reflorestamento, biodiversidade e cultura; 8) Compras e certificados ecológicos; 9) Gestão de lixo sólido”.

A partir do compromisso assumido no Dossiê, o Comitê Organizador Rio 2016 ficou encarregado do desenvolvimento de um Plano de Gestão da Sustentabilidade; havia uma gerência-geral de Sustentabilidade, Acessibilidade e Legado do Comitê Rio-2016, cuja responsável era a economista Tânia Braga, encarregada pelas discussões, planejamento, gestão, implantação e acompanhamento dos projetos. O plano partiu das propostas contidas no dossiê e foi considerado um ‘documento vivo’, sujeito a constantes alterações e atualizações tanto em virtude do andamento das atividades quanto de comentários e sugestões de partes interessadas. O objetivo deste documento era estabelecer “os fundamentos para a integração de princípios, ações e projetos relativos à sustentabilidade ao planejamento e operação dos Jogos Rio 2016TM”¹⁰.

É interessante observar, no entanto, que, embora o dossiê de candidatura (e, portanto, as propostas para a área ambiental) tenha sido inicialmente lançado em 2008, a primeira versão do Plano de Gestão da Sustentabilidade data de março de 2013 – ou seja, cinco anos após firmar-se o compromisso com o COI e apenas três anos antes das Olimpíadas (e, vale ressaltar, ano de eventos grandes na cidade, como Jornada Mundial da Juventude e Copa das Confederações, e apenas um ano antes da Copa do Mundo de Futebol). Embora houvesse no Dossiê referência a planos antigos, como Programa de Despoluição da Baía de Guanabara e da Barra - Jacarepaguá, discutido desde os anos de 1990, a questão do tempo entre o dossiê e criação do plano acaba tanto por impor atividades mais curtas, com menor potencial de debate com a sociedade civil, além de um tempo mais exíguo na implantação das ações que demandam não só tempo de construções (como por exemplo de rede de esgoto), mas também de recuperação natural da biodiversidade de determinadas áreas.

Assim como em outras áreas, as obras do chamado “legado ambiental” não foram concluídas antes dos jogos¹¹ – no caso da despoluição da Baía de Guanabara, houve grande repercussão e medo que os atletas ficassem doentes – embora a gerente-geral de Sustentabilidade, Acessibilidade e Legado do Comitê Rio-2016, Tânia Braga, tenha afirmado que tinham “mais da metade do caminho andado” em entrevista concedida em junho de 2015¹². No Dossiê de Candidatura⁹, a promessa era que 80% de todo esgoto despejado na Baía fosse coletado e tratado (falava-se na despoluição de 80% da Baía), considerada ‘propaganda enganosa’ por ambientalistas, pois tratava-se de uma meta irreal. Mesmo os dados oficiais divulgados são questionados: enquanto o relatório do Comitê Organizador afirma que o tratamento passou de 10% para 50%, pesquisadores da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ) afirmavam, em agosto de 2016, que menos de 20% do esgoto era tratado¹³. Os discursos oficiais contradizem as notícias em diversos âmbitos: por um lado, o *site* do COI destaca o legado ambiental nas olimpíadas do Rio, evidenciando a atuação do Comitê Organizador em todas as esferas, o diálogo com organizações não governamentais nas áreas social e ambiental e o cumprimento de mais de 70% das sugestões recebidas e explicação sobre aquelas que não

viii Segundo o documento citado, a Comissão Especial de Meio Ambiente era composta por: Governo Federal: Ministério do Meio Ambiente, Ministério do Esporte, Ministério das Cidades. Governo Estadual: Secretaria de Estado do Ambiente, Instituto Estadual do Ambiente, Companhia Estadual de Águas e Esgotos, Secretaria de Estado de Turismo e Transportes. Governo Municipal: Instituto Pereira Passos, Secretaria Municipal Meio Ambiente, Gabinete do Prefeito Eduardo Paes, Companhia Municipal de Limpeza Urbana, Secretaria Municipal de Urbanismo. Universidade Federal do Rio de Janeiro (COPPE/Centro Clima). Universidade Federal de São Carlos (INOVA). ICLEI (Local Governments for Sustainability). PNUMA (Programa das Nações Unidas para o Meio Ambiente). Manglares (Manglares Consultoria Ambiental). Lagoa Viva (Instituto Lagoa Viva, associação civil de direito privado de fins não econômicos responsável pelo Movimento Evolutivo Pacto de Resgate Ambiental). Fundação Clinton (Clinton Foundation, organização estadunidense sem fins lucrativos). Ecologus (Ecologus Engenharia Consultiva - Licenciamento Ambiental). Green Building Council Brasil (organização independente e sem fins lucrativos que opera no Brasil como parte de uma rede internacional cujo objetivo é atuação e certificação na área da construção civil).

pueram ser atendidas¹⁴; por outro, importantes representantes da vela, como Torben Grael (coordenador técnico da equipe brasileira de vela) e Peter Sowrey (ex-CEO da World Sailing, entidade que comanda a vela no mundo), fizeram duras críticas tanto ao “desperdício da oportunidade” de construção do legado como aos perigos que a poluição representava para os atletas. Sowrey chegou a ser demitido de seu cargo por publicizar suas opiniões. A Folha de S.Paulo publicou uma matéria intitulada Rio descumpre todas as metas ambientais para a Olimpíada¹⁵, contrariando o discurso oficial. A questão era tão latente que houve uma descrença que o Rio de Janeiro teria capacidade de sediar os jogos – o *site* de infotainment Tomonews publicou em seu canal americano no YouTube em 5 de agosto de 2016, dia da cerimônia de abertura dos jogos, uma compilação de 11 notícias animadas intitulada “Olimpíadas Rio 2016: as mais sensuais e *cocozentas* olimpíadas de todos os tempos – compilação”¹⁶ [grifo nosso]. Apesar de ser um *site* com uma proposta noticiosa irônica e jocosa, houve grande repercussão de uma das matérias na mídia brasileira. Freitas e Gotardo¹⁷ destacam ainda o apelo às emoções, tal como nojo, medo e repulsa, sendo que uma parte dos argumentos era ligada à poluição (desde sofás até corpos humanos nas águas) e à falta de tratamento de esgoto, além de destacar como os atletas e turistas poderiam adoecer caso se banhassem nas águas cariocas.

Os problemas, no entanto, não foram sempre o foco da mídia internacional – a sinopse de Naturopolis², por exemplo, considera o Rio de Janeiro cidade pioneira no desenvolvimento e experimentação da ecologia urbana. No entanto, há, no documentário, o reconhecimento dos problemas que levaram ao ‘caos’ (em referência ao subtítulo do filme “do caos à cidade sustentável”), dentre os quais são citados: urbanização desordenada, grande população (em “ponto de saturação”), crise ecológica, crescimento das favelas, coleta de lixo precária, esgoto a céu aberto (falta de saneamento básico), construção em encostas, levando a deslizamentos e enchentes.

Naturópolis: narrativas da salvação pelos megaeventos e seus deslocamentos

O caos e a perda do contato com a natureza pelos habitantes da metrópole é o que conduz a linha narrativa da mudança almejada: a da volta à natureza. Imagens de destruição chocam e a narração condena: “os habitantes [do Rio] perderam o contato com a natureza”². Apesar disso, imagens da equipe do Centro de Operações – um centro tecnológico de ponta que faz parte dos imaginários de construção do Rio como cidade olímpica, moderna, conectada e, portanto, global – analisando e coordenando a solução dos problemas, com destaque para a alta tecnologia e o grande número de profissionais trabalhando no local.

Imagens que compõem o mais sólido leque de clichês da cidade também são exibidas – pessoas caminhando na praia, nadando no mar, Arpoador, Morro Dois Irmãos, as imagens aéreas que corroboram a pictografia da geografia maravilhosa, tudo ao som de uma bossa nova, enquanto a narração informa: “A cidade pode estar a apenas alguns meses de sediar a Copa do Mundo, mas suas famosas praias estão rapidamente sucumbindo à poluição e ninguém parece se importar. É como se a triste verdade estivesse escondida por toda a beleza”².

A beleza é a “verdadeira natureza do Rio”², explicitada no documentário por uma animação feita sobre um mapa da cidade em 3D para explicar ao telespectador como essa geografia maravilhosa compõe a cidade, partindo da Baía de Guanabara (“que chegou a ser a baía mais bonita do mundo”², segundo a narração) para a Zona Sul – a cidade que circula o “majestoso Pão de Açúcar”² e cuja floresta de mata Atlântica encontra o mar e se espalha para longe contida apenas pelos morros de granito, dando à cidade essa “aparência única”². Sérgio Besserman Vianna, economista, ex-presidente do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) e presidente do Instituto de Pesquisa Jardim Botânico do Rio de Janeiro, ressalta a inacreditável quantidade e qualidade dos ativos naturais em meio de 12 milhões e meio de pessoas que habitam a cidade. “E estamos juntos, ricos e pobres. Nós não temos um centro e um externo. Somos todos misturados e misturados com essa natureza”².

A fala de Besserman Vianna condiz com o esperado pelo discurso oficial – embora mesmo o discurso oficial ratifique a ideia de cidade partida – e ele mesmo se contradiz quando reconhece que a natureza, no Rio, não é para todos. Mesmo o documentário explora essa linha argumentativa, ressaltando que o problema da “falta de natureza”² e da falta de saneamento básico é também um problema social, atingindo muito mais as zonas mais pobres e periféricas da cidade que as mais ricas.

O documentário busca ainda traçar uma linha histórica em relação à devastação do território: diz que os colonizadores portugueses foram os primeiros a declarar guerra à natureza. Neste momento, mostra uma entrevista com José Augusto Pádua, professor de História do Brasil da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), Doutor em Ciência Política com pesquisas desenvolvidas na área de História Ambiental. Segundo o professor, os colonizadores ficaram desapontados por não encontrarem cidades “desenvolvidas”², tal como os espanhóis encontraram no México e Peru, e consideraram a vida nas tribos indígenas “simples”² (embora o termo possa carregar diversos significados, entende-se no contexto da fala de José Augusto Pádua que foi usado em um julgamento pejorativo, já que eles esperavam sociedades mais complexas). Segundo a narração, os portugueses, que eram mercadores habilidosos, decidiram ficar devido à abundância de madeira (especialmente pau-brasil, “tão abundante aqui que nomearam o país em homenagem a ele”²), uma necessidade na Europa. “Rica, cada vez mais opulenta, a colônia logo teve 7 milhões de habitantes, todos ocupados cortando a floresta e cultivando primeiro café e depois cana-de-açúcar”². Pádua chama de “mito da natureza interminável”² uma crença de que se poderia desmatar porque sempre haveria mais florestas, dando a impressão de que não é necessário conservar ou cuidar dos recursos naturais, pois estes seriam inesgotáveis.

A narração destaca ainda que “dos 7 milhões de habitantes do Brasil, a grande maioria, 5 milhões deles, eram escravos. Após a abolição, uma enorme população ficou à procura de moradia, trabalho e identidade. A essa população de escravos foram adicionados, no século XIX, novos migrantes vindos de todo o mundo pela promessa do Rio”². Apesar de esse ser um marcador histórico de grande importância no desenvolvimento da cidade, o documentário foca nas mudanças trazidas pela década de 1970, com êxodo rural; enquanto os ricos construíam arranha-céus com a floresta ao fundo e vista para o mar, os pobres viviam como podiam (apresentando exclusivamente imagens das favelas, silenciando o importante contexto de desenvolvimento do tecido urbano referente ao crescimento dos subúrbios). No filme, salienta-se que as favelas foram criadas nesse período. Em relação à criação das favelas, há diversas informações que não condizem com as pesquisas históricas sobre o tema – a data de ‘criação’ é uma delas, mas há também a informação que no distrito de Canudos havia uma árvore chamada ‘favela’ e uma comunidade que cresceu ao redor dela assumiu seu nome^{ix}. “Quem nunca ouviu falar das favelas?”², questiona a narração, salientando que dois milhões de pessoas vivem em mil comunidades espalhadas pela cidade, sem planejamento urbano ou político.

É interessante observar as linhas narrativas com os ‘culpados’ pela poluição – há uma menção, mais ao início do filme, à cidade que rompe os limites impostos pela geografia, “subindo morros e florestas para ganhar novos territórios. No caminho, os novos distritos devastaram lagoas, pântanos, estuários, todo um mosaico de ecossistemas. Apenas três grandes florestas ainda permanecem, protegidas por suas colinas íngremes”². Durante a narração, imagens das áreas ricas da cidade que mostram esse “novo distrito”², a Barra da Tijuca. É como se a história da urbanização do Rio de Janeiro se resumisse à ocupação pela via litorânea, excluindo todo crescimento em direção aos subúrbios, conforme salientado anteriormente. Mas, se no caso das classes mais abastadas a culpabilização é pela ocupação rápida e ampla de áreas com grande biodiversidade, no

ix A história é contada da seguinte forma: “Who has not heard of the favelas? The dictionary translation is “slums”, or sometimes “shanty towns”. In reality, the first time the term was used was in a district called Canudos. There was a little square there with a tree called a favela. A community grew up around the tree and took its name from it. Ever since, whenever a group of families finds an uninhabited spot and builds houses there they call it a favela. True story or not, the fact is there are today 2 million inhabitants of 1,000 favelas spread out across the city with no urban planning or politics”. É interessante observar que eles questionam a veracidade da história, mas aparentemente não buscaram outras fontes para confrontá-la.

caso das favelas o discurso vai ainda mais longe: elas são responsáveis por gerar água não só poluída, mas também tóxica, e despejá-la na Baía. Muitas vezes o documentário flerta com problematizações importantes em relação à favela – como a abolição da escravidão, feita sem políticas de integração, ou mesmo o rápido crescimento urbano devido ao êxodo rural – mas em nenhum momento se questiona o porquê de esses locais serem negligenciados pelos poderes públicos, serem excluídos das políticas públicas há mais de um século, tampouco o porquê de a urbanização do Rio se dar de forma classista, ou outras questões que aprofundariam o debate em relação à cidade – mas que fogem dos discursos hegemônicos e oficiais.

Para o “caos”², apresentado em suas origens históricas e sociais, há, no entanto, solução, que é apresentada em três vias, logo na abertura do programa, em forma de pergunta (e que é respondida ao longo do filme): “Mas o que vai efetivamente transformar o Rio? Os políticos, o milagre das Olimpíadas, que deveriam salvar a cidade, ou seu próprio povo?”². O biólogo Mário Moscatelli, sócio-administrador da empresa Manglares Consultoria Ambiental, que fez parte da comissão responsável pela construção do Dossiê de Candidatura do Rio, ressalta que essa mudança possível depende da atitude política – enquanto um bilhão de reais é investido na reforma do Maracanã, 550 milhões poderiam drenar toda Baía de Guanabara, ressalta o biólogo, que é apresentado como “um lutador”². Ele ressalta ainda que “se não pararmos esse caos em níveis local e regional, em três anos será muito tarde. Todo dinheiro e vontade política irão evaporar tão logo os holofotes saiam de cima da gente”^{2,x}. Moscatelli vê as Olimpíadas como oportunidade para mudar as condições ambientais da cidade.

O biólogo, que observa a questão ecológica no Rio desde 1970, ressalta ainda, navegando sobre a Baía, que é possível encontrar todo tipo de lixo por lá: “sofás, TVs, cadeiras, corpos, qualquer coisa”² – mas que não há mais água, trata-se de um esgoto e praticamente não há mais espécies vivendo lá. Trata-se da representação mais comum vista nas notícias do canal Tomonews, citado anteriormente⁷. O choque – ou mesmo sensacionalismo – capta o espectador para um problema crônico da cidade, que, nos termos do documentário, ou parece não ligar para o caos escondido por detrás das belezas naturais, ou se importa apenas quando os holofotes estão sobre ela – no jargão brasileiro, um trabalho ‘pra gringo ver’.

A esperança vem ainda por meio de ações tanto de especialistas – outros biólogos, urbanistas e geógrafos são personagens da série – como de moradores das favelas. Ao que parece na narrativa, os especialistas atuam nas áreas urbanas mais nobres, com apoio de políticas públicas – Floresta da Tijuca, Jacarepaguá, ou mesmo no monitoramento do ‘corredor verde’^{xi} – enquanto ONGs e moradores atuam nas favelas com pouco ou nenhum apoio público (quando há política pública não há participação dos moradores, como no caso da política de segurança das Unidades de Polícia Pacificadora e do favela-bairro), corroborando a narrativa da mudança por força de vontade.

Um dos exemplos vem com Rose e Marcos. No lixão de Gramacho, segundo os dados do documentário, trabalhavam cerca de 20 mil^{xii} catadores em “condições tenebrosas”², dentre eles, Rose e Marcos. Como o fechamento do lixão afetaria todas essas pessoas, “foi decisão e tarefa difíceis”², efetivada apenas um mês antes da Rio+20^{xiii}, evento que aconteceu de 20 a 22 de junho de 2012. O filme mostra, então, como o fechamento mudou as vidas de Rose e Marcos para melhor, por meio do centro de reciclagem que mantêm em seu quintal: em dois anos buscando lixo em *shopping centers* e outros pontos da cidade, separando e

x As falas originalmente em português são dubladas no filme.

xi Criado em 1989, tem por objetivo restaurar o trânsito e circulação de espécies por meio da ligação das áreas verdes às lagoas e oceanos, compreendendo a biodiversidade de forma conectada.

xii Apesar da estimativa de que houvesse cerca de 15 mil pessoas dependendo direta ou indiretamente das atividades no lixão de Gramacho. Disponível em: <https://bit.ly/2TQfsB1>. Acesso em: 2020 jan. 03.

Apenas 1.700 catadores cadastrados na Associação dos Catadores do Aterro Metropolitano de Jardim Gramacho (ACAMJ) receberam a indenização no valor de R\$14.000,00. Disponível em: <https://bit.ly/2XHblc4>. Acesso em: 2020 jan. 03.

xiii A Rio +20, ou *Earth Summit*, foi um evento produzido pela ONU intitulado *United Nations Conference on Sustainable Development*. Realizado no Rio de Janeiro de 20 a 22 de junho de 2012, teve como foco a produção de um documento com medidas para implementar o desenvolvimento sustentável entre os estados-membro. Disponível em: <https://sustainabledevelopment.un.org/rio20>. Acesso em: 2020 jan. 03.

vendendo para indústrias de reciclagem ou distribuidores, eles saíram de um cavalo para uma pequena van e depois para um caminhão. “O trabalho duro deles fez com que os filhos pudessem agora ir à escola”². Mas não apenas o mérito pessoal de Rose é destacado. Ela fala sobre como aprendeu sobre reciclagem para desenvolver e melhorar seu trabalho e sobre como isso a fez pensar sobre a natureza como um todo.

Se a ação de fechamento do lixão e a abertura de um centro de tratamento de lixo longe do mar foram políticas públicas importantes para a conservação da Baía (segundo os dados do filme, o lixão de Gramacho acabou com 130 hectares de manguezais, fundamentais para a biodiversidade da região) e começam a apresentar resultados, as políticas estatais para compensação dos catadores e a criação de novas oportunidades de trabalho não são abordadas e a eles coube a busca por alternativas^{xiv} – Rose ressalta também que algumas pessoas passaram a pescar e vender peixes, destacando: “este é o poder da natureza para você, é a mão de Deus ajudando”² – já que para essas pessoas praticamente não há poder público presente. Esse é um dos exemplos apresentados no documentário sobre como o caos pode ser revertido para buscar a ‘volta à natureza’. Ressalta-se também que “da perspectiva do poder público, o estigma do lixão que corrompia e ameaçava a representação da cidade olímpica com a imagem do “atraso” se transformava em evidência de civilidade, com a sua substituição por um “moderno” sistema de tratamento de resíduos, isento de catadores, e uma futura usina de biogás. Na página da Cidade Olímpica, a galeria de imagens da CTR vinha acompanhada da legenda: “Lixo responsável: novo CTR de Seropédica acaba com cenários apocalípticos do lixão de Gramacho.”¹⁸

Se a urbanização desordenada é apresentada como fonte de caos ambiental, a reordenação urbana também é apresentada como uma solução possível para o caso das favelas (a ocupação da classe média na Barra da Tijuca, apesar de apresentada como problema, não é passível de intervenção – há apenas um momento em que um dos biólogos do filme ensina a um morador que ele não deve alimentar os jacarés para não impactar o comportamento da espécie). Em um momento, Sergio Bresseman Vianna fala sobre o plano de que áreas verdes sejam espalhadas por toda a cidade: “em três anos, nenhum lugar do Rio de Janeiro está mais longe que a 10 ou 15 minutos de caminhada de uma área verde. Nós vamos plantar 24 milhões de árvores e vamos tentar distribuir essas áreas verdes ao redor da cidade e em outros lugares onde eles não têm essa mesma natureza que temos aqui”², salientando que o acesso a parques é ainda restrito a diversas camadas da população. Apesar de Bresseman Vianna não citar a fonte de seus dados, considerando que se trata de um investimento feito devido aos megaeventos, é possível averiguar inconsistências: no Dossiê de Candidatura, havia a promessa de plantio de 24 milhões de árvores no estado do Rio de Janeiro até 2016⁹ e até de criação de um Parque do Carbono com o plantio de três milhões de árvores no Parque Nacional da Pedra Branca; em entrevista da gerente-geral de Sustentabilidade, Acessibilidade e Legado do Comitê Rio-2016, Tânia Braga, para o *Jornal Lance!*¹², há uma pergunta sobre a promessa de plantio de 34 milhões de árvores para compensar a emissão de CO₂ durante os jogos, mas que até 2015, somente oito milhões tinham sido plantadas. Tania¹² justificou a redução como “ajuste de demanda” (os Jogos estariam produzindo menos carbono que o estimado inicialmente).

A ‘salvação’ das favelas também é dada por meio da implantação das Unidades de Polícia Pacificadora (UPPs) – de territórios inacessíveis repletos de traficantes, becos e vielas, passam a territórios retomados

xiv Vale ressaltar que, segundo Lima¹⁸, em 2010 foi aprovada a Lei nº 12.305/2010 que instituiu a Política Nacional de Resíduos Sólidos (PNRS), a qual estabelece cooperativas e associações de catadores como integrantes da gestão de resíduos da administração pública, prevê sua participação nas políticas públicas do setor e o estabelecimento de convênios com o setor privado. “Através de seus dispositivos legais, a PNRS visava à promoção da inclusão social da categoria através da indução do processo de formalização do trabalho do catador”. Como pressuposto da ideia de “formalização”, e em contraposição a ela, encontrava-se um modelo que precisava ser extinto, representado pelo “lixão”, visto como espaço de trabalho precário e informal. O exercício da atividade no âmbito da informalidade configura uma situação de vulnerabilidade, atribuída à desproteção legal e aos riscos de saúde relacionados ao trato com os restos. Essa ideia também se relaciona com a ausência de cidadania, atribuída à situação de marginalização social e invisibilidade diante do Estado. O processo de formalização via organizações coletivas na forma de autogestão seria a forma prevista pela lei para a garantia de um trabalho seguro e digno à categoria, ao retirar os catadores da situação de vulnerabilidade, risco e precariedade à qual estariam submetidos fora das organizações¹⁸. Apesar do reconhecimento legal da importância dos catadores, as medidas de reinclusão não chegavam a tempo – o Polo de Reciclagem de Jardim Gramacho, por exemplo, foi inaugurado apenas no final de 2013.

para a cidade pela polícia, que “limpou metade das 1000 favelas”^{2,xv}, abrindo-as à renovação urbana. Imagens de tiroteios, pessoas fugindo, mulheres com crianças são exibidas, corroborando o principal discurso oficial em relação aos megaeventos, como propulsores de integração da cidade pelo suposto fim da violência e do mando do tráfico nas favelas. A renovação urbana se dá principalmente pela ação de seus moradores – como Graça e Manoel, que atuam em lugares distintos em projetos distintos e são, junto com Marcos e Rose, os únicos personagens da série identificados apenas pelo primeiro nome, sem sobrenome; e por ONGs, como a Verdejar. No caso dos moradores, há uma fala que resume bem a visão do documentário sobre quem é o morador da favela: “mas mais surpreendente ainda é que eles não esperaram a limpeza ou ajuda das autoridades para iniciar a volta à natureza. [...] A abordagem silenciosa deles à ecologia é tão engenhosa quanto exemplar”². A engenhosidade aparece no documentário como atributo dos moradores das favelas; e é considerado “surpreendente”² que os moradores não tenham esperado pelo Estado para buscar soluções para o ambiente em que vivem – um Estado que nunca chega ou, quando chega, institui as regras de cima para baixo, sem ouvir os moradores. É interessante problematizar também o que é qualificado como aproximação ‘silenciosa’ – não há uma explicação clara sobre o que o adjetivo significa. As ações dos moradores são as ‘pequenas iniciativas’, enquanto as ações estatais são as ‘grandes’ (embora pouco ou nunca existentes, de acordo com as falas dos moradores). Em relação à ONG, é apresentada como a possibilidade de um futuro melhor para as crianças, que “não ficam mais mendigando, como costumavam fazer”².

Na intervenção estatal sobre as favelas mostradas no documentário, além das UPPs, há a apresentação do urbanista Jorge Mario Jauregui como visionário pelo programa. “Esse urbanista incansável tem trabalhado, nos últimos 15 anos, para reunificar a cidade, uma cidade dividida geográfica e socialmente. Seu primeiro projeto atingiu seus objetivos, um teleférico que corre sobre as favelas que ele quer tornar verdes”². Jauregui defende o teleférico como parte de uma nova visão urbana, que “obviamente encoraja mobilidade social, o que chamamos de desbunkerização”². O urbanista defende, ainda, a necessidade de transformação da cidade, com justiça social e fim das desigualdades, para que o Rio se torne uma cidade sustentável: “O Rio do futuro é uma cidade, não duas”². Embora essa visão do urbanismo como uma forma de diminuir as desigualdades seja comum na formação acadêmica, a fala de Jauregui corresponde às falas de Eduardo Paes em outros documentários, ou seja, trata-se de um discurso oficial, especialmente no que diz respeito ao conceito de cidade partida.

A ideia de que a favela corresponde a um bunker e que o teleférico promove a integração é, no entanto, contestada por moradores e pesquisadores. Gaffney²⁰ salienta que “nem a integração espacial com a cidade fora da favela nem o acesso no interior da favela são iguais para todos os moradores. As tentativas do Estado construir teleféricos em favelas pacificadas são consistentes com a introdução de projetos de mobilidade associados com PAC I e PAC II. Estas intervenções parecem atender as demandas percebidas e não dos residentes. A construção dos teleféricos é claramente uma tentativa de estimular e controlar certos tipos de fluxos, abrir oportunidades para as grandes empresas gerar lucro (“Rocinha Ganhará Teleférico em 2012” 2010; Nogueira 2014) e servem para diminuir a população residente ao mesmo tempo em que abrem mais espaço para o comércio (Freeman 2014)”.

Outro ponto importante na narrativa documental é a necessidade de mudança de visão e imagem da cidade, a qual se sobressai ainda mais se considerarmos, como já foi dito anteriormente, que também é um ponto fundamental na estratégia de megaeventos. A mudança de imagem não é só apresentada, no entanto, na esfera ambiental – violência e polícia de pacificação também são retratadas no filme, conforme abordado anteriormente, tratando de dois importantes imaginários relacionados ao medo nas narrativas pré-olímpicas.

xv A cidade do Rio chegou a ter 37 Unidades de Polícia Pacificadora. Disponível em: <https://bit.ly/2XAH0fu>. Acesso em: 2020 jan. 03. Muitas extintas até o final de 2018, 10 anos após o início do programa. Disponível em: <https://bit.ly/2TNrnjB>. Acesso em: 2020 jan. 03. O site oficial do programa <http://www.upprj.com/> encontrava-se desativado. Dados publicados pelo Instituto de Segurança Pública (ISP) mostram que havia “presença ostensiva de criminosos”¹⁹ em 843 áreas do estado do Rio de Janeiro em 2015 e 2016.

Em relação à mudança de imagem sobre o cuidado com o meio ambiente, o professor José Pádua ressalta que, até os anos 1970, o governo brasileiro usava a aceitação da poluição como atrativo para as empresas. A narração ressalta que “Hoje, o Rio quer seguir na direção de uma nova era com um novo rosto, uma alma mais verde e uma ação simbólica de seu respeito pela vida”². O então secretário de Meio Ambiente, Carlos Muniz, ressalta que, se antigamente a gestão pública não via a natureza como ativo econômico, hoje se entende que em um país tropical ela é parte fundamental da vida.

Para a narração, o Rio está “dando exemplo”² a partir das suas ações, e os megaeventos agem como catalisadores dessa “volta à natureza”² – como exemplo, cita a reforma do estádio do Maracanã, que passou a produzir parte da energia que consome e a reciclar água da chuva. E lança quase um desafio, mas que também é uma confirmação dessa visão dos megaeventos como oportunidade:

“Os Jogos Olímpicos darão ao Rio o momento extra que falta? De qualquer forma, a cidade está claramente fazendo um grande esforço nos seus planos de tornar a cidade mais verde e sustentável. Ele prometeu ao mundo uma cidade limpa para as Olimpíadas. Ser escolhido para as Olimpíadas é uma grande vitória para o Rio no cenário internacional. É também um reconhecimento da extensão da mudança do Brasil na última década. Todos esses fatores significam que agora podemos tomar as medidas necessárias para resolver nossos problemas ambientais. A cidade do Rio prometeu que os 10 bilhões de euros para os jogos também serão usados para sanear as favelas, criar transporte público, limpar a Baía e recuperar o tempo perdido para fazer do Rio uma cidade sustentável”².

Um dos claros exemplos, ainda segundo a narração, é o Museu do Amanhã – um dos marcos do planejamento urbano na estratégia de megaeventos – dizendo que “ele nos mostra o futuro, há muito tempo sonhado, em que entre o homem e o meio ambiente não se trata de conflito ou lucro, trata-se de respeito e equilíbrio, em cidades sustentáveis construídas sobre a natureza e com a natureza”².

Não há como negar a urgência das questões ambientais não apenas no Brasil, mas no mundo. No caso específico de um megaevento, cujo impacto ambiental é enorme – número de turistas, modificações urbanas e construções em áreas diversas, consumo de água e comida, geração de lixo e esgoto, entre outros – o planejamento e o investimento específicos para o meio ambiente são absolutamente necessários. No entanto, há também a possibilidade de apropriação de discursos que sensibilizam e impactam pessoas no mundo inteiro, tal como o esporte, para agregar valor aos jogos olímpicos como produto que catalisa a transformação almejada.

Outra questão interessante a se pensar sobre o documentário é o que se entende como ‘volta à natureza’. O que seria esse retorno ao passado e a qual passado? Qual seria o retorno possível, considerando a existência da cidade? Essas e outras questões conduzem à ideia de construção do Brasil como paraíso, um imaginário que remonta às narrativas fundadoras e que permanece sólido; e que, embora o ‘caos’ seja um ponto negativo em relação à imagem da marca, existe a potência de reconstrução desse paraíso com a ‘volta à natureza’, em um ideal utópico, a partir de um presente distópico.

Considerações finais

As promessas contidas na construção da ‘Cidade Olímpica’, entre elas a de um legado de sustentabilidade, compõem também um leque de atributos que faz parte da construção da marca-cidade. Trata-se de um processo regido por interesses econômicos, mas que possui, de certa forma, ‘vida própria’, já que os sentidos são reapropriados pelos cidadãos, os quais constroem novas formas de ser, de estar e de viver nessa cidade que se propõe mercadoria a ser consumida e também empresa a gerir seus processos. Compreender esse processo é um caminho para problematizar as questões e trazê-las para um debate mais amplo – um debate que inclua os diversos ‘nós’ que compõem a complexa rede de construção da ‘Cidade Olímpica’.

Além das estratégias de comunicação, destacam-se também as estratégias territoriais como importantes componentes dessas representações: elas passam pela produção de significados sobre o que seriam as

modificações urbanas necessárias para a cidade e também fazem parte das disputas sobre as narrativas e a construção da imagem da cidade, buscando aderir ao projeto idealizado pelo discurso oficial. Assim, observam-se desde narrativas sobre o planejamento urbano, sobre as modificações urbanas, sobre história da cidade até sobre os ideais de imagem desejados (inclusive historicamente). Portanto, procurou-se destacar também como as estratégias territoriais são narradas e como elas produzem significados sobre a cidade, sua reconstrução e seu consumo, bem como a construção de sentidos sobre a marca-cidade a partir das modificações urbanas. Sob essa perspectiva, Naturopolis se alinha ao discurso otimista de salvação a partir de um legado positivo de sustentabilidade e de modificações urbanas. Promessas feitas pelo COI para as cidades-sede são ratificadas pelo documentário, como a transformação do Rio em cidade global ou a ideia dos jogos como catalisadores das transformações necessárias para a cidade – ainda que muitas vezes o que é considerado como necessidade na transformação urbana entre em disputa, como saneamento básico *versus* teleférico.

Observa-se como essas estratégias narrativas se completam para produzir um desejo sobre qual seria a cidade que todos, governantes e populações, devem almejar. Nesse contexto, é relevante ainda destacar como o COI atua na ordenação das estruturas e das modificações promovidas na cidade, necessárias para o atendimento do megaevento, considerando, ainda, que esse olhar se dá a partir do Norte para o Sul Global. Trata-se também de interesses na manutenção de uma das marcas mais valiosas do mundo a partir dos imaginários construídos sobre ela, os quais operam principalmente a partir do ideal de ‘melhoria do mundo através do esporte’. Esta marca estabelece, ainda, importantes relações com outras organizações reconhecidas internacionalmente e que se colocam nesse lugar de ‘melhorar o mundo’, tal como a ONU e seus objetivos para o milênio. À cidade-sede cabe a ‘honra’, em sua estratégia de *branding* urbano, de associar sua marca à ‘família Olímpica’.

Referências

1. International Olympic Committee. Olympic charter: in force as from 26 June 2019 [Internet]. Lausanne: The Committee; 2019 [cited 2019 Sept. 15]. Available from: <https://bit.ly/2U3me7l>.
2. Guerrine B. Naturopolis 4x52. Episode: Rio, from chaos to a sustainable city. Docside, production, Arte, co-production. Paris: Zed Film Production; 2013. 53 min., sound, color. Available versions: French, German, English. Broadcasters: Arte, Blue Ant Media, Servus TV, TV5 Quebec Canada, RSI, Canal + Cyfrowy and TG4.
3. Burbank MJ, Andranovich GD, Heying CH. Olympic dreams: the impact of mega-events on local politics. Colorado: Lynne Rienner Publishers; 2001.
4. Naturopolis 4x52' by Bernard Guerrini. Zed [Internet]. [date unknown] [cited 2019 Dec 27]. Available from: <https://www.zed.fr/en/tv/distribution/catalogue/programme/naturopolis-4-x-52-hd?media=717>.
5. DocsideProd [Internet]. Reims: Le producteur; 2013 [cité 2019 déc 27]. Disponible en: <https://www.youtube.com/channel/UCSY31O2tSNMfgi0xTuen2VA/about>.
6. Naturopolis Rio: la course vers la ville verte. Film-documentaire.fr [Internet]. 2014 [cited 2019 déc 27]. Disponible en: <https://bit.ly/3c8Psrh>.
7. Rose D. Análise de imagens em movimento. In: Bauer MW, Gaskell G. Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som. Petrópolis, RJ: Vozes; 2002. p. 343-64.
8. Aumont J, Marie M. A análise do filme. 3. ed. Lisboa: Edições Texto e Grafia; 2004.
9. Comitê de Candidatura Rio 2016. Dossiê de candidatura do Rio de Janeiro a sede dos Jogos Olímpicos e Paraolímpicos de 2016. Rio de Janeiro: COB; 2009. 3 volumes.
10. Comitê Organizador dos Jogos Olímpicos e Paralímpicos Rio 2016. Plano de Gestão da Sustentabilidade dos Jogos Rio 2016. Versão 1: março de 2013 [Internet]. Rio de Janeiro: O Comitê; 2016 [citado em 2019 dez. 27]. Disponível em: <https://bit.ly/2AhruNz>.

11. Obras de legado ambiental não estarão concluídas até o término dos Jogos Rio-2016 [Internet]. Brasília, DF: Tribunal de Contas da União; 2016 jun. 26 [citado em 2019 dez. 20]. Disponível em: <https://portal.tcu.gov.br/imprensa/noticias/obras-de-legado-ambiental-nao-estarao-concluidas-ate-o-termino-dos-jogos-rio-2016.htm>.
12. 'Temos mais da metade do caminho andado', diz gerente da Rio-2016 [Internet]. Lance! (Areté Editorial). 2015 jun. 23 [citado em 2019 dez. 30]. Disponível em: <https://bit.ly/3deVzvy>.
13. Nitahara A. Promessa olímpica, despoluição da Baía de Guanabara deve levar 25 anos [Internet]. Agência Brasil (EBC). 2016 ago. 08 [citado em 2019 dez. 30]. Disponível em: <https://bit.ly/2B8V5Jj>.
14. Olympic Games Rio 2016: environmental legacy (Internet). Paris: International Olympic Committee; 2017 Mar.16 [cited 2019 dez. 30]. Available from: <https://www.olympic.org/news/olympic-games-rio-2016-environmental-legacy>.
15. Nogueira I. Rio descumpre todas as metas ambientais para a Olimpíada. Folha de S. Paulo (Grupo Folha) [Internet]. 2016 jul. 02 [acesso em 2020 jan. 14]:Um mês para Olimpíadas:Promessas Olímpicas:Meio Ambiente. Disponível em: <https://bit.ly/2BbIg10>.
16. Rio Olympics 2016: the sexiest, poopiest Olympics ever: compilation [Internet]. [place unknown]: TomoNews US; 2016 Aug 05 [cited 2019 Dec 30]. Available from: <https://www.youtube.com/watch?v=WFsVMBa6PyI&t=391s>.
17. Freitas RF, Gotardo AT. Marcas do Rio pré-Olímpico: imaginários de sexo, violência e epidemias em um canal sino-americano do YouTube. Cad Virtual Tur [Internet]. 2018 [citado em 2019 dez. 30];18(1):40-52. Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=115454562016>.
18. Lima MRP. Paradoxos da formalização: a inclusão social dos catadores de recicláveis a partir do caso do encerramento do aterro de Jardim Gramacho (RJ). Hor Antropol [Internet]. 2018 jan./abr. [citado em 03 jan. 2020];50:145-80. Disponível em: <https://bit.ly/2TQkz18>.
19. Resende L. UPP 10 anos depois: as promessas cumpridas e as que ficaram pelo caminho. Folha de S. Paulo (Grupo Folha). 2018 dez. 22 [acesso em: 2020 jan. 20]:Sec. Lupa. Disponível em: <https://piaui.folha.uol.com.br/lupa/2018/12/22/upp-10-anos/>.
20. Gaffney C. Segurança pública e grandes eventos no Rio de Janeiro. In: Castro DG, Gaffney C, Novaes PR, Rodrigues JM, Santos Júnior SA, organizadores. Rio de Janeiro: os impactos da Copa do Mundo e das Olimpíadas. Rio de Janeiro: Letra Capital; 2015. p.145-70. [citado em 14 jan. 2020]. Disponível em: <https://bit.ly/3gDPdIz>.